

O CARAPUCERO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SOBERACCIDENS POLITICO

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Percere verzonis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nessa folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A Philosophia.

Eu morro : tudo me anuncia este proximo , e inevitavel termo. Para qual quer parte , que volva os olhos , não descubro mais , que documentos da morte. Eu não teria nem ao menos encarado a imagem da Philosophia , se me assustasse , ou intimidasse com esta lembrança. Eu concidero a morte , como hum dos dons mais preciosos da Natureza. Ela he hum meio , de que a mesma Natureza se serve para a continua successão dos individuos , fican- do sempre indestrutivel a sua especie : he huma lei universal ; e murmurar della seria oppor-se ás disposições eternas do Auctor da mesma Natureza. Eu morro : ei aqui por outro lado huma certeza , huma evidencia amarga ; por que sentindo-me nascido , como todos os outros individuos da especie humana , com huma irresistivel tendencia para saber , e conhecer ; nenhum es- tudo , nenhuma applicação , nenhuma observacão me tem salvado da ignoran- cia , e morro ignorante. A Natureza tudo revela , e nada explica : eu tenho

observado , e consultado em livros dos maiores Philosophos ; eu não encontro se não enigmas impenetraveis á razão humana , e contido nos limites desta mesma razão , não palphei mais , do que sombras , que quanto mais se pro- cura romper , mais se condene- ção. O primeiro objecto , que toca ao espirito do homem pensador , he este quadro augusto do Universo. Quer ao clarão da Philosophia descortinar sua origem , conhecer sua essencia , e na mesmo instante se desengana , que he impossivel penetrar este abysmo só com luces da razão. Com ella não se conhece a origem da materia : observa-se na mesma materia huma qualidade inhe- rente , que he o movimento , e só com a razão não se pode , nem poderá jamais conhecer a causa , e a origem do movi- mento. Perdi huma grande parte da minha vida na indagação destes deus enigmas pelo estudo dos escriptos dos antigos : nenhum dos systemas dos Philosophos me foi desconhecido ; po- que nenhum dellos deixa de ser expos- to nos livros de Bruker. Não encou-

trei mais, do que duvidas, fluctuações, miseraveis, e lastimosos enganos. Li os Modernos: pôde, por ex., Descartes, ou Newton dizer como as cossas se fazem. As minhas conclusões são sempre estas - Tudo se ignora: nós não sabemos em Philosophia natural, nós não sabemos em Metaphysica, se não aquillo, que a Revelação nos quiz dizer; mas os Mysterios da Revelação são para se acreditarem, e não para se discutirem. Não há huma só opinião dos Philosophos, que se não possa considerar huma verdadeira inocura; basta ler com alguma atenção a historia destas minhas opiniões em todos os que escreverão ou vidas dos Philosophos, ou Historia da Philosophia: eu não limito esta proposição aos antigos, estendendo-a aos modernos: atracção, e turbilhões são do mesmo carácter, que qualidades occultas. He preciso pois, que eu distinga sempre estes dous termos: homem da Natureza, e homem da Revelação. No estado de conhecimentos naturaes, ou philosophicos tudo he ignorancia, bem como no estado de conhecimentos revelados tudo he sciencia, e demonstração; por que o espirito acredita, pára, e não discute. Eu não me contemplo neste estado, contemplo-me como puro Philosopho, e vejo, que como tal, tudo se ignora. Isto não he o partido do Scepticismo; porque huma vez que apparecesse a evidencia, eu cederia, e o achado d'humana verdadeira seria hum triunfo, mas eu morro ignorante, como todos.

E o que há demonstrado nas Sciencias Naturaes? Há huma guerra interminavel de Systemas: combatem-se, e destroem-se mutuamente, e todos parão nas mesmas barreiras, todos sentem os mesmos obstaculos, e nenhum delles desentranha a verdade do seio das sombras, em que jaz perpetuamente envolta; Considero a Sciencia Astronomicá desde Thales até La-Place; nenhuma só verdade demonstrada. Os Seculos

tem produzido systemas; mas não tem produzido demonstrações. O motivo do movimento dos astros ainda ignora, e tanto me dizem as qualidades occultas de Aristoteles, os epicyclos de Ptolomeo, como as leis da gravitação inventadas por Newton: são chimeras os turbilhões de Descartes; tudo he sombra, enigma, e ignorancia. Do fenomeno mais patente he sempre a causa ignorada. D'onde procede o fluxo, e o refluxo? Como se accendem, e entretêm os vulcões? Como se forma o raio? Qual a origem das fontes? Como se executa o fenomeno da geração animal? Qual he a causa da vegetação? Que cousa he esta terra, em que nos habitamos? Que revoluções tem sentido este Globo? Isto não sabe dizer a Philosophia, e he ser soberbo não se confessar ignorante. Tirai as palavras ao Philosopho, tirai-lhe o conhecimento da historia dos Systemas; em demonstrações fica igual ao rustico. Tal he o meu estado junto do tumulo. Eu sei o que os outros disserão; mas saber isto não he saber a verdade, e morro ignorante. Eu não sei dizer o que he huma estrella; eu não sei dizer o que he huma cometa; eu não conheço a essencia da luz; eu ignoro, que cousa seja o ar, como se forma o vento, como se propague o som; a natureza do fogo he hum mysterio, e todo este aparatoso theatro do Universo hum perfeito inigma indecifravel. Se contemplo as opiniões dos Philosophos a respeito do homem, ainda no imperio da Metaphysica, encontro mais densas sombras. A Ontologia, que parece dar mais facil acesso a verdade, tem em si huma escridão espantosa. A definição dos termos *substancia*, e *espaço* tem dado lugar a funestissimos êrros. Todo o sistema de Spinoza aqui tem a sua origem; e bem analysados os systemas de Mallebranche, e Clarke coincidem com o mesmo Spinoza. A Psycologia oferece outra serie de enigmas inexplicá-

veis, que produzirão o absurdo sistema de Leibnitz, e Wolstio.

Eu parci, onde todos tém parado. Nada satisfaz do que diz Locke, do que diz Condillac, do que diz Kant sobre a origem das ideias. Entre tantos, e tão cegos labirintos não poderá o homem ao menos conhecer-se a si? Antes que meus olhos para sempre se fechem, antes que o pó, e o eterno esquecimento me involva, quiz tentar conhecer-me a mim, e ver o que o homem só consigo pode saber, independente de tudo o que não seja seu discurso, e sua razão. Ferhei pois todos os livros, esqueci-me de todos os sistemas, entreguei-me á minha contemplação, entrei dentro em mim mesmo, e determinei fazer hum livro, que marque, e assignale os limites impreteríveis do saber humano. Devo dar conta de mim á Humanidade, antes que expire, analisando-me, como se imediatamente salusse agora das uâos da Natureza, e exercitando a faculdade de ente pensador. Deixo hum legado à Posteridade, e formo hum círculo á Philosophia, fóra do qual nunca se achará mais que opinião, e nunca a verdade. Vou mostrar em mim o que se pode saber sem a Revelação. Vejo, que he mui pouco, mas nada mais se sabe, nada mais se saberá. A douta, e soberba ignorância deste século peste a Portugal hum livro Scientifico, e Portugal vai mostrar ao secular das revoluções, e da superficialidade, que nenhum sculo até qui soube mais, do que elle lhe vai dar a saber. Fóra da Philosophia não há sciencia, há memoria. A sabedoria he conhecer-se o homem, e de tal maneira, que não haja, nem possa haver raias que conhecer. Theorias politicas, conhecimentos mathematicos de pura convenção, Historias das Nações, fluctuações medicas ou inuteis, ou perniciosas, ridiculos systemas de Moral, indigestas machinas de Juri-prudencia, não se podem chamar verdadeira sabe-

doria. Tudo isto he sempre vario, sempre incerto, tudo isto fará o homem instruido, porem não o fará sabio, nem se poderá chamar Philosopho, se não aquelle, que com evidencia se conhecer. O primeiro passo para não ser impiô he ser verdadeiro Philosopho.

Eu o sou, ao menos na vontade, e deixo á minha Patria neste livro hum legado precioso, cumprindo huma ordenação, que há tantos séculos fizera os sábios. — Conhece-te a ti mesmo: sóra disto não há sciencia.

(Mac. T. Phil.)

Assim discorre quem há consumido largos annos no estudo da Philosophia, assim se convence da curtidade da razão humana quem encarece sobre os livros. Mas não sucede o mesmo com certo dos nossos *jovens*, que muitas vezes ainda penugentos, e barbipontes já sabem tudo, e se apavonão da infallibilidade da sua razão. Muitos absurdos respeitaveis confessão, que as grandes verdades da Moral não vierão ao homem, se não pela Revelação; porém esses *jovens* riem-se de tal proposição, e dizem em tom cathegorico, e decisivo, que isso de Revelação he huma partranha, he huma chimera, engenho so invento dos Padres, &c. &c., e fundados tra *infallivel* auctoridade da Politica Natural do Barão d'Holbae, e de outros, Patriarcas da mesma estesa são linda, e garbosamente materialistas, e atêos, ou se ainda fazem o favor de admitir a existencia de Deos, nisto parão, e quando muito gabão-se de seguir a Religião natural, causa, que ainda ninguém sabe o que he; por que são tantas as cabeças, quantas as Religiões naturaes.

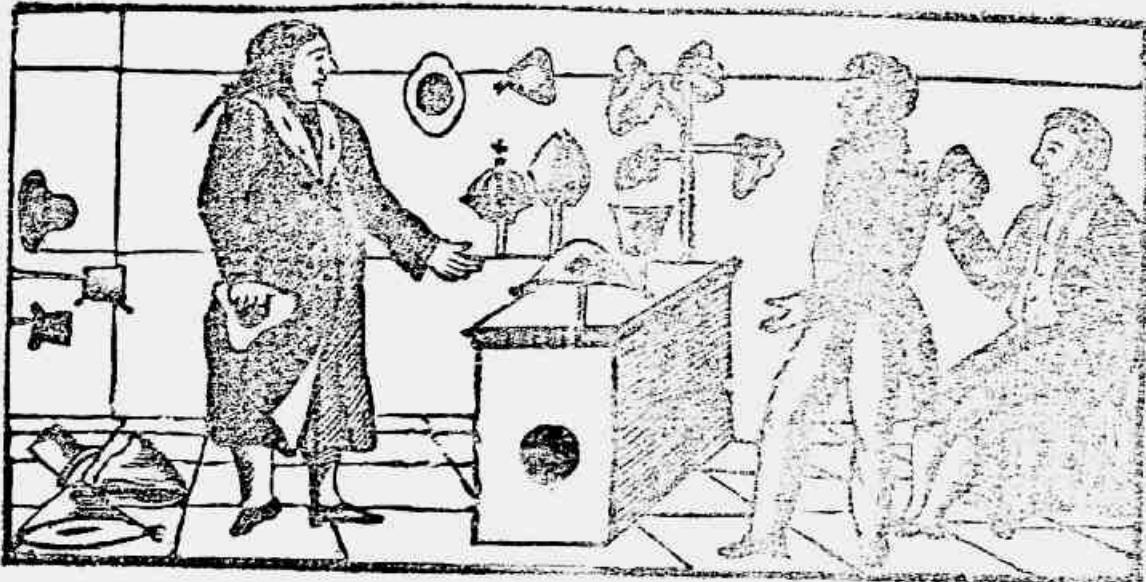
Sem entrarmos em especulações, e exames subtilissimos sobre a força natural da razão humana independente da Revelação, só os factos, e a experien-

cia nos podem levar ao conhecimento d'aquelle por caminho seguro. Balda-do he pois entrar na questão do que pode a razão humana entregue a si só, desejada de todo extraordinario, consultando para isto os varios systemas formados por sabios, que viverão em séculos, e paizes ilustrados pelas luzes da Revelação; por que em tal caso pode de se mui rasoavelmente suppor, que esta os instruo em todas as verdades, e isto muitas vezes insensivelmente, e sem que elles de tal se convenção; por isso os systemas dos nossos Philosophos, nascidos, e educados no seio do Christianismo, e grandes panegyristas da Religião Natural, nadõ provão da força da razão humana em matéria de Religião. O mesmo se pode dizer da Moral dos Philosophos pagãos, que escreverão depois da vinda de J. C.; por que bem a polónia ter aprendido do Evangelho. O Doutor Campbell no seu excellente livro da *Necessidade da Revelação* assim se exprimiu a este respeito „ Fara se julgar da verdadeira capacidade do entendimento humano, e até onde pode e te chegar só por si em matéria de Religião, sempre consultar a generalidade da especie, e não o talento particularissimo dalguns homens extraordinariamente favorecidos da natureza; por quanto ainda concedido, que tal, ou tais Philosophos neste século, n'aquelle parte do mundo, em tais circunstancias, &c. poderião por hum feliz accaso remontar-se gradualmente até o conhecimento da existencia, e perfeições de Deos, &c. immortalidade d'alma, e d'outros pontos da Religião Natural, este fenomeno, que talvez nunca apparecesse, pacto que possivel, não deve servir de termo de comparação para se julgar da capacidade de to-

da a especie humana. „ De mais que despropositos, que absurdos em matéria de Moral não proferirão ainda os mais famosos Philosophos d'antiquidade! Por isso dizia o proprio Socrates, Se Deos não se dignar de enviar-vos alguém para vos instruir da sua parte, não espereis conseguir jamais, que se reformem os costumes dos homens. „

Este sabio hum dos maiores pensadores do Paganismo reconhecia assim a obscuridade, e insuficiencia da Religião Natural, entre tanto que ahi qual quer jovem, alias nascido, e criado no seio de huma Religião Revelada, diz em tom de Oraculo, que aquella he mais que sufficiente, e que esta he huma paternita Sacerdotal, &c. &c., e outras proposições lidas á pressa, ou tomadas d'outra de Voltaire, Diderot, Hobac, e mais sucia Philosopher. Mas se se lhe pergunta o que he Religião, e o q' he natural, *hoc opus, hic labor est.* Declamações, palavras descasidas, e quando se vê mais apertado, já sabe dizer com ar d'importancia, que he preciso, que respeitemos asconvicções humas dos outros. Sim, Senhores Joveus *desabusados*, eu respeito muito as convicções do meu proximo; mas o que muiissimo duvido he, que a incredibilidade de Suas Senhorias nasça de convicção proprio, e que não sejão da classe d'apótheles, de quem proferia o Santo Rei Psalmita — *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus.* O tollo disse em seu coração: não há Deos.

SABBADO 16 DE FEVEREIRO



ANNO DE 1839 — N.º 8.

O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Percere verzonis, dicere de vitiis.*

Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas,

A Philosophia.

Eu morro : tudo me annuncia este proximo , e inevitavel termo. Para qual quer parte , que volva os olhos , não descubro mais , que documentos da morte. Eu não teria nem ao menos encarado a imagem da Philosophia , se me assustasse , ou intimidasse com esta lembrança. Eu concidero a morte , como hum dos dons mais preciosos da Natureza. Ella he hum meio , de que a mesma Natureza se serve para a continua successão dos individuos , fican do sempre indestructivel a sua especie : he huma lei universal ; e murmurar della seria oppor-se ás disposições eternas do Auctor da mesma Natureza. Eu morro : eisaqui por outro lado huma certeza , huma evidencia amarga ; por que sentindo-me nascido , como todos os outros individuos da especie humana , com huma irresistivel tendencia para saber , e conhecer ; nenhum estudo , nenhuma applicação , nenhuma observação me tem salvado da ignorancia , e morro ignorante. A Natureza tudo revela , e nada explica ; eu tenho

observado , e consultado em livros dos maiores Philosophos ; eu não encontro se não enigmas impenetraveis á razão humana , e contido nos limites desta mesma razão , não palpei mais , do que sombras , que quanto mais se procurão ramper , mais se condensão. O primeiro objecto , que toca ao espirito do homem pensador , he este quadro augusto do Universo. Quer ao clarão da Philosophia descortinar sua origem , conhecer sua essencia , e na mesmo instante se desengana , que he impossivel penetrar este abysmo só com luces da razão. Com ella não se conhece a origem da materia : observa-se na mesma materia huma qualidade inherente , que he o movimento , e só com a razão não se pode , nem poderá jamais conhecer a causa , e a origem do movimento. Perdi huma grande parte da minha vida na indagação destes doux enigmas pelo estudo dos scriptos dos antigos : nenhum dos systemas dos Philosophos me foi desconhecido ; porque nenhum delles deixa de ser exposto nos livros de Bruker. Não encon-

trei mais , do que divilas , fluctuações , miseráveis , e lastimosas enganos. Lá os Modernos ; pôde , por ex. , Descartes , ou Newton dizer como as causas se fazem. As muitas conclusões não sempre estas - Tudo se ignora : nós não sabemos em Philosophia natural , nós não sabemos em Metaphysica , se não aquillo , que a Revelação nos quiz dizer ; mas os Mysterios da Revelação são para se acreditarem , e não para se discutirem. Não há huma só opinião dos Philosophos , que se não possa considerar huma verdadeira loucura ; basta ler com alguma attenção a historia destas minhas opiniões em todos os que escreverão ou vidas dos Philosophos , ou Historia da Philosophia : eu não limito esta proposição aos antigos , estendendo-a aos modernos : atração , e turbilhões são do mesmo caracter , que qualidades ocultas. He preciso pois , que eu distinga sempre estes dous termos : homem da Natureza , e homem da Revelação. No estado de conhecimentos nsturais , ou philosophicos tudo he ignorância , bem como no estado de conhecimentos revelados tudo he sciencia , e demonstração ; por que o espirito acredita , pára , e não discute. Eu não me contemplo neste Estado , contemplo-me como puro Philosopho , e sejo , que como tal , tudo se ignora. Isto não he o partido do Scepticismo ; por que huma vez que apparecesse a evidencia , eu cederia , e o achado d'humana verdadeira seria hum triunfo , mas eu morro ignorante , como todos.

E o que há demonstrado nas Scienças Naturaes ? Há huma guerra interminável de Systemas : combatem-se , e destroem-se mutuamente , e todos parão nas mesmas barreiras , todos sentem os mesmos obstaculos , e nenhum deles desentranha a verdade do seio das sombras , em que jaz perpetuamente envolta ; Concordo a Scienzia Astronomica desde Thales até La-Place ; nenhuma só verdade demonstrada. Os Seculos

tem produzido systemas ; mas não tem produzido demonstrações. O motivo do inavistamento dos velhos ainda ignora , e tanto me dizem as qualidades ocultas de Aristoteles , os epicyclos de Ptolomeo , como as leis da gravitação inventadas por Newton ; são chimeras as supbilhades de Descartes ; tudo se encontra , enigma , e ignorancia. Daí fôr mais patente he sempre a causa d'isto adi. D'onde procede o fluxo , e o refluxo ? Como se accendem , e extinguem as vulcões ? Como se forma o rei ? Qual a origem das fontes ? Como se executa o fenomeno da geração animal ? Qual he a causa da vegetação ? Qual causa he esta terra , em que nos habitamos ? Que revoluções tem sentido este Globo ? Isto não sabe dizer a Philosophia , e he ser soberbo não se confessar ignorante. Tirai as palavras no Philosopho , tirai-lhe o conhecimento da historia dos Systemas ; e a demonstrações fica igual ao rustico. Tal he o meu estado junto do tumulto. Eu sei o que os outros disserão ; mas saber isto não he saber a verdade , e morro ignorante. Eu não sei dizer o que he huma estrela ; eu não sei dizer o que he hum cometa ; eu não conheço a essencia da luz ; eu ignoro o que causa seja o ar , como se forma o vento , como se propague o som ; a natureza do fogo he hum mistério , e todo este aparatoso theatro do Universo hum perfeito inigma indecidivel. Se contemplo as opiniões dos Philosophos a respeito do homem , ainda no imperio da Metaphysica , encontro mais denas sombras. A Ontologia , que parece dar mais facil acesso a verdade , tem em si huma escurecida espantosa. A definição dos termos *substancia* , e *espaço* tem dado lugar a funestissimos erros. Todo o sistema de Spinoza aqui tem a sua origem ; e bem analysados os systemas de Malebranche , e Clarke coincidem com o mesmo Spinoza. A Psycologia oferece outra serie de enigmas inexplicaz

veis, que produzirão o absurdo sistema de Leibnitz, e Wolffio.

Eu paro, onde todos têm parado. Nada satisfaz do que diz Locke, do que diz Condorcet, do que diz Kant sobre a origem das ideias. Entre tantos, e tão cegos i hygiatos não poderá o homem ao menos conhecer-se a si? Antes que meus olhos para sempre se fechem, antes que o pó, e o eterno esquecimento me envolva, quiz tentar conhecer-me a mim, e ver o que o homem só consigo pode saber, independente de tudo o que não seja seu discurso, e sua razão. Fechei pois todos os livros, esqueci-me de todos os sistemas, entrei guerre à minha contemplação, entrei dentro em mim mesmo, e determinei fazer um livro, que marque, e afixe os limites impreteríveis do saber humano. Devo dar conta de mim à Humanidade, antes que expire, analysando-me, como se imediatamente saísse agora das mãos da Natureza, e exercitando a fidelidade de ente pensador. Deixo hum legado à Posteridade, e formo hum círculo á Philosophia, fora do qual nenhuma se achará mais que opinião, e nunca a verdade. Vou mostrar em um o que se pode saber sem a Revelação. Veja, que he nenhuma ciéncia, mas nada mais se sabe, nada mais se saberá. A dorata, e soberba ignorância deste século perte a Portugal hum livro Scientifico, e Portugal vai mostrar ao século das revoluções, e da superficialidade, que nenhum século até aqui soube mais, do que elle lhe vai dar a saber. Fora da Philosophia não há ciéncia, há memória. A sabedor a deve conhecer-se o homem, e de tal maneira, que não haja, nem possa haver mais que conhecer. Theorias politicas, conhecimentos mathematicos de pura convenção, Historias das Nações, fluctuações medicas ou inuteis, ou perniciosas, ridiculos systemas de Moral, indigestas machinas de Juri-prudencia, não se podem chamar verdadeira sabedoria.

Tudo isto he sempre variado, e sempre incerto, tudo isto fará o homem instruido, porém não o fará sábio, nem se poderá chamar Philosopho, se não aquelle, que com evidencia se conhecer. O primeiro passo para não ser impio he ser verdadeiro Philosopho.

En o seu, ao menos na vontade, e deixo á minha Patria neste livro hum legado precioso, cumprindo huma ordenação, que há tantos séculos fizera os sábios. — Conhece-te a ti mesmo; sóra disto não há ciéncia.

(Mac. T. Phil.)

Assim discorre quem há consumido largos annos no estudo da Philosophia, assim se convence da certidão da razão humana quem enconcreto sobre os livros. Mas não sucede o mesmo com certos dos nossos jovens, que muitas vezes ainda penugentos, e barbipontos já sabem tudo, e se apavonão da infallibilidade da sua razão. Muitas as bias respeitaveis confissão, que as grandes verdades da Moral não vierão do homem, se não pela Revelação; porém esses jovens riem-se de tal proposição, e dizem em tom categorico, e decisivo, que isso de Revelação he huma patruha, he huma chimera, engenho so invento dos Padres, &c. &c., e fundados na infallivel autoridade da Politica Natural do Barão d'Holbach, e de outros, Patriarcas da mesma estofa são linda, e garbosamente materialistas, e ateiós, ou se ainda fazem o favor de admitir a existencia de Deus, nisto paro, e quando muito gabão-se de seguir a Religião natural, causa, que ainda ninguém sabe o que he; por que são tantas as cabeças, quantas as Religiões naturaes.

Sem entrarmos em especulações, e exames subtilissimos sobre a força natural da razão humana independente da Revelação, só os factos, e a experie-

cia nos podem levar ao conhecimento d'aquelle por caminho seguro. Balda-
do he pois entrar na questão do que po-
de a razão humana entregar a si só, de-
stituída de todo extraordinario, con-
sultando para isto os varios systemas
formados por sabios, que vivêrão em
seculos, e paizes illustrados pelas luzes
da Revelação; por que em tal caso po-
de-se mui rasoavelmente suppor, que
esta os instruiu em todas as verdades, e
isto muitas vezes insensivelmente, e
sem que elles de tal se convenção; por
isso os systemas dos nossos Philosophos,
nascidos, e educados no seio do Chris-
tianismo, e grandes panegyristas da
Religião Natural, nada provão da for-
ça da razão humana em materia de Re-
ligião. O mesmo se pode dizer da Mo-
ral dos Philosophos pagãos, que escre-
vêrão depois da vinda de J. C.; por
que bem a pedião ter aprendido do E-
vangelho. O Doutor Campbell no seu
excellentíssimo livro *da Necessidade da Re-
velação* assim se exprime a este respeito
„ Fara se julgar da verdadeira capaci-
dade do entendimento humano, e até
onde pode este chegar só por si em ma-
teria de Religião, cumpre consultar a
generalidade da especie, e não o talen-
to particularissimo d'alguns homens ex-
traordinariamente favorecidos da natu-
reza; por quanto ainda concedido, que
tal, ou taes Philosophos neste seculo,
n'equella parte do mundo, em taes cir-
cunstancias, &c. poderião por hum fel-
iz accaso remontar-se gradualmente
até o conhecimento da existencia, e
perfeições de Deos, da immortalidade
d'alma, e d'outros pontos da Religião
Natural, este fenomeno, que talvez
nunca apparecesse, posto que possivel,
não deve servir de termo de compara-
ção para se julgar da capacidade de to-

da a especie humana.,, De mais que
despropositos, que absurdos em ma-
teria de Moral não proferirão ainda os
mais famosos Philosophos d'antiguidade! Por isso dizia o proprio Socrates,, Se Deos não se dignar de enviar-vos al-
guem para vos instruir da sua parte,
não espereis conseguir jamais, que se
reformem os costumes dos homens.,,

Este sabio hum dos maiores pensado-
res do Paganismo reconhecia assim a
obscuridade, e insufficiencia da Reli-
gião Natural, entre tanto que ahi qual
quer joven, alias nascido, e criado no
seio de huma Religião Revelada, diz
em tom de Oraculo, que aquella he
mais que sufficiente, + que esta he hu-
ma patrâna Sacerdotal, &c. &c., e
outras proposições lidas á pressa, ou
tomadas d'orelha de Voltaire, Diderot,
Holbac, e mais sucia Philosophante.
Mas se se lhe pergunta o que he Reli-
gião, e o q' he natural, *hoc opus, hic
labor est.* Declamações, palavras des-
cosidas, e quando se vê mais apertado,
já sabe dizer com ar d'importancia,
que he preciso, que respeitemos
asconvicções huns dos outros.
Sim, Senhores Jovens *desabusa-
dos*, eu respeito muito as con-
vicções do meu proximo; mas
o que muitissimo duvido he,
que a incredulidade de Suas Se-
nhorias nasça de convicção pro-
pria, e que não sejão da classe
d'aquelles, de quem proferia o
Santo Rei Psalmista — *Dixit
insipiens in corde suo, non
est Deus.* O tollo disse em seu
coração: não há Deos.